

RALED

VOL. 23(2) 2023



ARTÍCULO

Memórias do refúgio: a (re)construção identitária de uma venezuelana no Brasil

*Refuge memories: the identity (re)construction
of a Venezuelan Woman in Brazil*

NÍVEA ROHLING

Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Brazil

FERNANDA ÁBILA

Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Brazil

MARIA DE LOURDES ROSSI REMENCHE

Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Brazil

Recebido: 11 de maio de 2023 | Aceptado: 31 de agosto de 2023

DOI: 10.35956/v.23.n2.2023.p.110-128

RESUMO

Este artigo apresenta uma análise do processo de (re)construção identitária no discurso de uma refugiada venezuelana, a partir de um diário publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, em dezembro de 2020. O diário apresenta relatos escritos pela refugiada, entre agosto e setembro do mesmo ano, sobre sua experiência de refúgio na cidade de São Paulo - Brasil. Como ancoragem teórico-metodológica, foram mobilizados conceitos como dialogismo, alteridade, exotopia, na concepção do Círculo de Bakhtin. A análise põe em evidência traços de identificações e a recriação dos processos identitários, dada por meio de relações de alteridade. Além disso, a escrita autobiográfica possibilitou um tom mais assertivo no sentido de a refugiada assumir uma postura axiológica diante da própria vida, em um processo de exotopia por meio do qual ela tornou-se outra para narrar a si mesma.

PALAVRAS CHAVE: *Identidade. Discurso. Análise dialógica do discurso.*

RESUMEN

Este artículo presenta un análisis del proceso de (re)construcción identitaria en el discurso de una refugiada venezolana, por medio de un diario publicado en el periódico *Folha de S. Paulo*, en diciembre 2020. El diario presenta relatos escritos por la refugiada, entre agosto y septiembre del mismo año, sobre su experiencia de refugio en la ciudad de São Paulo - Brasil. Se ha aclarado el análisis teórico y metodológico en conceptos como dialogismo, alteridad y exotopia, en la concepción del Círculo de Bajtín. El análisis pone en evidencia trazos de identificaciones y la recreación de los procesos identitarios, dada por medio de las relaciones de alteridad. Además, la escritura autobiográfica posibilitó un tono más asertivo en el sentido de asumir una postura axiológica ante la propia vida, en un proceso de exotopia por medio del cual la refugiada se ha convertido en otra para narrarse a sí misma.

PALABRAS CLAVE: *Identidad. Discurso. Análisis dialógico del discurso.*

ABSTRACT

This article presents an analysis of the process of identity (re)construction in the discourse of a Venezuelan refugee through a diary published in the newspaper *Folha de S. Paulo*, in December of 2020. The diary presents reports written by the refugee, between August and September of the same year, about her refuge experience in the city of São Paulo - Brazil. The analysis was theoretically and methodologically anchored in concepts such as dialogism, alterity and exotopy, in Bakhtin's Circle's conception. The analysis puts in evidence traces of identifications and the processes of identity recreation, given through alterity relations. Furthermore, the autobiograph-

ical writing enabled a more assertive tone in the sense that the refugee assumed an axiological position toward her own life, in an exotopical process through which she became another in order to narrate herself.

KEYWORDS: *Identity. Discourse. Dialogic discourse analysis.*

Introdução

Os processos migratórios de venezuelanos(as) no território brasileiro se ampliaram consideravelmente nos últimos anos, em virtude dos deslocamentos orientados pela crise política e econômica instaurada na Venezuela¹. Segundo relatório do Observatório das Migrações Internacionais – OB-Migra (Silva 2022), desde 2016 há um cenário bastante distinto pelo crescimento expressivo no volume de registros de solicitações de refúgio no Brasil, bem como pela mudança das origens desses solicitantes com uma maior participação de pessoas latino-americanas: 174.945 solicitações entre 2016 e 2021. Desse total, 91,6% são de refugiados venezuelanos, seguidos pelos sírios (3,6%), ambas as nacionalidades reconhecidas como em situação grave de violação de direitos humanos.

O maior volume de solicitações de refúgio apresentadas de 2016 a 2021 se concentrou na região Norte do país, devido às condições geográficas de acesso ao território brasileiro, em particular no estado de Roraima, na fronteira com a Venezuela. Para quem chegou por Roraima, a política migratória brasileira criou o programa de assistência humanitária e de interiorização, a chamada Operação Acolhida,² iniciada em fevereiro de 2018, com o objetivo de possibilitar aos refugiados acesso aos direitos sociais no Brasil.³ Esses programas auxiliam as pessoas migrantes a se inserirem na nova cultura, processo que culmina na tradução cultural desses sujeitos. O processo de tradução, de acordo com Hall (2006), evidencia o “homem traduzido”, produto das novas diásporas criadas pelas migrações pós-coloniais, que deve aprender a habitar, no mínimo, duas identidades, a falar duas línguas, a traduzir e a negociar entre elas; é obrigado a renunciar a qualquer tipo de pureza cultural ou de absolutismo étnico.

Nesse cenário globalizado, as identidades nacionais unificadas estão dando lugar a identidades híbridas, originadas de várias histórias e culturas mescladas. Esse entrelaçamento cultural produz

-
- 1 A crise na Venezuela, iniciada no final do governo de Hugo Chávez, agravou-se em 2013, durante o governo de Nicolás Maduro. O colapso econômico esteve diretamente ligado à desvalorização do petróleo – principal fonte de riqueza da Venezuela desde o início do século XX – que ocasionou uma queda de 4 % no PIB venezuelano, em 2014. Além disso, a partir de 2017, o governo norte-americano liderado pelo então presidente Donald Trump impôs uma série de sanções à economia da Venezuela, em represália ao autoritarismo de Nicolás Maduro, o que agravou a situação econômica e forçou o país a diminuir a quantidade de petróleo exportado. A redução do valor do barril de petróleo impactou o abastecimento de itens básicos de consumo da população, como remédios e alimentos. Assim, a baixa do valor do petróleo no mercado internacional, somada à ineficiência do governo e às sanções americanas, resultou na maior crise humanitária da história da Venezuela, levando mais de 5,4 milhões de venezuelanos a deixarem seu país até o momento, segundo a ACNUR (Agência da ONU para Refugiados).
 - 2 A autora do diário, objeto desta análise, foi auxiliada pela Operação Acolhida, e direcionada pelo programa para a cidade de São Paulo, três semanas após sua chegada em Boa Vista (RO).
 - 3 A Operação Acolhida iniciou-se em decorrência do fluxo migratório desordenado e imprevisível de pessoas oriundas da crise da Venezuela. Foram desenvolvidas medidas emergenciais para o acolhimento dessas pessoas por meio da Medida Provisória nº 820, de 15.02.2018, posteriormente, convertida na Lei 13.684/2018, que estabeleceu um conjunto de iniciativas de apoio humanitário para Refugiados (Noronha 2022).

reconstruções identitárias para indivíduos que viveram a experiência de se deslocar de seu lugar de origem ou, ainda, situações limite em diferentes contextos históricos.

A partir dessa contextualização, com vistas a pensar a linguagem como instrumento de (re) construção das identidades cada vez mais cambiantes e fragmentadas na paisagem multicultural contemporânea, este estudo analisou como uma refugiada venezuelana se (re)constituiu como sujeito por meio da escrita de um diário, publicado no jornal *Folha de S. Paulo*. Isso porque os temas da escrita autobiográfica de migrantes e refugiados “estão na maioria dos casos relacionados a espaços-tempos de guerras, de intolerâncias, de crises” (Balassiano 2014: 69). Ademais, evidenciam realidades de sujeitos que, de acordo com Balassiano (2014), precisam recriar seus processos identitários e de pertencimento, os quais trazem em si dois olhares: o do lugar da partida e do lugar da chegada, da acolhida.

Para tanto, faremos na próxima subseção a descrição do objeto de análise, o diário. Em seguida, discutiremos conceitos que embasam este estudo, a saber, as concepções de linguagem e sujeito para o Círculo de Bakhtin. Por fim, apresentaremos as regularidades analíticas observadas nos dados e as considerações finais.

1. Diário autobiográfico de Francis Salazar: um olhar sobre si

Como dito antes, o objeto da presente análise é um diário escrito pela refugiada venezuelana Francis Salazar. Como gênero discursivo, o diário é uma escrita íntima que tem por destinatário o próprio autor. No entanto, no caso de um diário posteriormente publicado, como o objeto em tela, os relatos são direcionados a outros interlocutores. Em outros termos, há outros horizontes valorativos constituindo esse dizer diarista.

Para Lejeune (2014), o diário é um exercício de escrita para desabafar, conhecer-se, conservar a memória, sobreviver e resistir. Para aquele que escreve sobre si, a autobiografia passa a ser uma ferramenta de enfrentamento e resistência, no sentido de que o diário se torna, para seu autor, um modo de reflexão e (re)construção de identidade em meio a um momento conturbado de sua existência. Desse modo, a escrita de si pode ser uma forma de empoderamento para quem escreve, uma vez que, ao evocar memórias dolorosas, “as feridas secretas não precisam mais ser guardadas ou negadas, passam a ser explicitadas e (re)organizadas no mundo” (Souza; Balassiano; Oliveira 2014: 13).

Já quando assume um caráter público, o relato de si “se torna um espaço para demonstrar sua experiência, dar visibilidade a uma situação de opressão, de negação” (Balassiano 2014: 70). Assim, explicitar passa a ser um modo de se libertar daquela situação a partir do olhar para si mesmo e seus pertencimentos.

Partindo do princípio bakhtiniano de que o discurso é sempre dialógico, orientado por seu auditório potencial, verifica-se que a expressividade do enunciado, ou seja, a escolha dos recursos linguístico-discursivos mobilizados pelo falante revela o maior ou menor grau de influência da atitude responsiva antecipada de seu destinatário. Embora o caráter confessional esteja presente na escrita autobiográfica, Bakhtin não considera a autobiografia um mero discurso direto do escritor sobre si mesmo, mas acredita que este deve se posicionar axiologicamente frente à própria vida, submetendo-a a uma valoração que transcenda os limites do apenas vivido (Faraco 2012).

No tocante às condições de produção desse dizer íntimo e, ao mesmo tempo, público de Francis, vale destacar que o diário foi publicado nas edições *online*⁴ e impressa da *Folha de S. Paulo*, no dia 12 de dezembro de 2020. Esse enunciado de Francis faz parte de um projeto discursivo maior, a saber, o da empresa jornalística. A *Folha de S. Paulo* produziu durante um mês o material editorial, que posteriormente foi publicado na seção *Mundo* do referido jornal. Desse processo resultou que a escrita diarista de Francis integrou a reportagem *Diário de uma refugiada: venezuelana relata experiência de migrar ao Brasil*, proposta pelo laboratório de produção de jornalismo *Refugiados e Migrantes* e parte de uma série de publicações realizadas com o apoio da Fundação Gabo e da Acnur (Agência da ONU para Refugiados).

Do ponto de vista narrativo, Francis relata que vive em São Paulo desde 2018, quando migrou em busca do sustento da família. Ela veio sozinha, deixando os dois filhos com os avós, na Venezuela, até ter condições de trazê-los. A *Folha de S. Paulo* propôs a Francis que relatasse sua experiência de refúgio no Brasil, durante um mês, contando sua trajetória de superação como refugiada durante os dois anos anteriores. Ao aceitar o pedido, ela passou a registrar à mão em um caderno, em meio a fotos e desenhos, seu cotidiano, impressões, lembranças e sentimentos, em relatos datados de 31 de agosto a 28 de setembro de 2020. Como dito antes, trata-se de um dizer íntimo produzido em uma situação de interação bem específica, sendo parte de um projeto editorial da *Folha de S. Paulo*, que emoldura esse discurso diarista a partir de um horizonte valorativo que, portanto, não é neutro, nem destituído de objetivos discursivos da empresa jornalística.

Escrito em espanhol, o diário foi traduzido⁵ para o português e publicado na íntegra na *Folha de S. Paulo*. Na publicação digital, foram também disponibilizadas imagens da versão manuscrita com os relatos em espanhol.⁶ A seguir, na figura 1, a fotografia de Francis ilustra a reportagem na edição *online* do jornal e, na figura 2, há uma página do caderno no qual ela escreveu seus relatos.

Entre os objetos discursivizados no diário estão os motivos que levaram Francis à decisão de deixar seu país, as dificuldades em recomeçar a vida sozinha no Brasil, o acolhimento que recebeu nos abrigos por onde passou, os laços de amizade estabelecidos e os trabalhos voluntários que realizou para apoiar outros refugiados.

Foram selecionados para a presente discussão excertos que enfocam/apontam traços de identificações presentes nos enunciados, com base em conceitos elaborados pelo Círculo de Bakhtin (Bakhtin 2011 [1979], 2017 [1920-1924]; Volóchinov 2019 [1921-1930]) relevantes à compreensão do enunciado diarista, tais como: dialogismo, alteridade, exotopia e excedente de visão. Esses conceitos serão abordados na subseção a seguir.

4 Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/12/diario-de-uma-refugiada-leia-o-caderno-traduzido-na-integra.shtml>

5 Observa-se que a língua é um índice de pertença a um país latino hispânico e que agora precisa acomodar-se em um país do mundo lusófono, o Brasil.

6 O manuscrito em espanhol, na íntegra, pode ser acessado em: <https://media.folha.uol.com.br/mundo/2020/12/13/diario.pdf>

FIGURA 1

Reportagem publicada na edição *online*.

< **FOLHA DE S. PAULO** :

Diário de uma refugiada: venezuelana relata experiência de migrar ao Brasil

Mulheres do país caribenho em crise mudam perfil da imigração no país; saiba quem são elas

12.dez.2020 às 23h15

EDIÇÃO IMPRESSA

Ouvir o texto A- A+

Flávia Mantovani
VIÇOSA (MG) **São Paulo, 7 de setembro de 2020**

Hoje foi um dia maravilhoso. Depois de quase um ano de luta consegui, graças a um primo na Venezuela, comprar um telefone que permite fazer chamadas de vídeo. Pude ver meus pais, meus filhos e meu irmão. Eu os vi, os vi ao vivo, e eles me viram. Colamos no telefone como se pudéssemos entrar e nos abraçar. Foi difícil, mas consegui, e o melhor, consegui não chorar na frente deles. Ao terminar a chamada, fiquei pensando no tanto que quero dizer e no muito que devo calar.

FIGURA 2

Página do diário de Francis, em espanhol, com fotografias da família.

Presento mi corazón en una foto
mi abuela, mis padres y mis dos
hijos, por en conjunto mis
grandes amores la que me
hace mover cada día

2. O sujeito, a alteridade e a exotopia

A construção do sentido do discurso é de natureza dialógica na medida em que um enunciado é sempre formulado como uma réplica ao discurso alheio sobre o mesmo objeto. Cada enunciado é, pois, “um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (Bakhtin 2011 [1979]: 272). Na mirada bakhtiniana, até o monólogo solitário, como um diário autobiográfico, é integralmente dialógico. Isso porque, embora construído pelos pensamentos mais íntimos que se movimentam no fluxo do discurso interior do enunciador, esses discursos são igualmente penetrados pelas avaliações do seu auditório potencial, “mesmo que o pensamento sobre o ouvinte não tenha ocorrido ao falante” (Volóchinov 2019 [1921-1930]: 274). Essa dialogicidade interna é oriunda do diálogo que o ser humano estabelece com sua própria consciência, o que produz uma “multidão de vozes interiorizadas”, nos termos de Faraco (2009).

Para o Círculo, portanto, o enunciado e o sujeito são igualmente inacabados, no sentido de que o enunciado só existe em face a outros enunciados, assim como o sujeito só se constitui em relação a outro(s) sujeito(s). Dessa forma, o sujeito está em ininterrupto processo constitutivo, em que se apropria de um relativo acabamento identitário por meio de suas relações sociais; isso porque a visão do outro é imprescindível para a subjetivação. Por isso, o sujeito bakhtiniano não é concebido somente como um indivíduo biológico ou empírico: sua constituição se dá em sua situação social e histórica (Sobral 2012). Em outros termos, o “eu” só vem a existir por meio da alteridade, “na relação com outros sujeitos, assim como só age em relação a atos de outros sujeitos, nunca em abstração desses sujeitos e desses atos” (Sobral 2009: 35).

Nessa perspectiva, o sujeito é no mínimo dois para existir porque depende da relação dialógica recíproca definida por Bakhtin (2017 [1920-1924] como “eu-para-mim”, “eu-para-o-outro”, “o-outro-para-mim”. Tendo em vista que a identidade do sujeito se molda somente pela alteridade, entende-se que ele não é totalmente individualizado, embora o Círculo não negue sua singularidade, uma vez que “os modos como cada consciência responde às suas condições objetivas são sempre singulares, porque cada um é um evento único do Ser” (Faraco 2009: 86-87). Para Sobral (2009: 56), “ele não age sozinho, mas não deixa de ser ele mesmo, nas várias posições-sujeito, nos diferentes papéis que assume diante de diferentes interlocutores”.

Esses papéis sociais são orientados por uma valoração do sujeito em relação a seus atos, pelos quais se responsabiliza (Sobral 2009). Assim, cabe dizer que, quando o indivíduo assume a responsabilidade por seu ato, imprimindo sua assinatura naquilo que diz ou faz, ele está também respondendo ativamente aos outros sujeitos envolvidos no ato. O que significa que o sujeito bakhtiniano é responsivo, responsável e consciente.

Ademais, tornar-se responsável por seu ato implica a “ausência de álibi”, isto é, a impossibilidade de o sujeito escapar a essa responsabilidade. Não ter um álibi na existência significa a impossibilidade de estar em outro lugar, em relação ao lugar único e singular que ocupo no existir (Ponzio 2017 [1920-1924]). Para Bakhtin (2017 [1920-1924]: 154), “sou insubstituível e esse fato me obriga a realizar minha singularidade peculiar: tudo o que pode ser feito por mim não poderá nunca ser feito por ninguém mais, nunca”.

A unicidade e a insubstituibilidade do lugar do sujeito no mundo lhe permitem ver o outro de uma extralocalização irrepitível e saber do outro o que este não pode saber de si mesmo, já que ele depende do outro para saber o que ele mesmo não pode saber de si. Conforme Bakhtin (2011

[1979]: 21), “nesse momento e nesse lugar, em que sou o único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão fora de mim”. Desse modo, a importância da interação entre o eu e o outro para o processo identitário do sujeito se dá por essa posição distante, externa, que cada um ocupa em relação ao outro. Essa noção é explicada por Bakhtin com a analogia da autocontemplação no espelho, afirmando que enxergamos no reflexo no espelho uma face que nunca temos efetivamente na vida vivida (Faraco 2012). Isso porque, quando uma pessoa se olha no espelho, ela não se vê como os outros a veem; vê somente fragmentos de si.

Em virtude disso, a visão que o indivíduo tem de si mesmo nunca será igual à que o outro tem sobre ele, uma vez que esse outro, de sua posição exotópica, é dotado de um excedente de visão que lhe permite ver o que é inacessível ao olhar do próprio indivíduo e, assim, dar-lhe provisório acabamento. Esse acabamento estético expressa, pois, a diferença entre pelo menos duas consciências não coincidentes, a tensão entre pelo menos dois olhares, dois pontos de vista.

Diante disso, entende-se que a atividade estética implica sempre um movimento duplo: “o de tentar enxergar com os olhos do outro e o de retornar à sua exterioridade para fazer intervir seu próprio olhar” (Amorim 2018: 102). Na concepção de Bakhtin (2011 [1979]), o sujeito deve entrar em empatia com o outro com quem estabelece uma relação de alteridade; deve colocar-se no lugar do outro e, depois de ter retornado ao seu lugar, completar o horizonte desse outro com o excedente da sua visão. No entanto, ao relacionar essa perspectiva ao objeto desta análise, é preciso considerar que o excedente de visão do outro nem sempre é empático, amoroso e gentil. No caso de refugiados(as) e migrantes, não raras vezes, os acabamentos identitários são marcados por discursos depreciativos, discurso de ódio e de xenofobia.

Ademais, a tomada de consciência por parte do sujeito está ligada à alteridade, uma vez que “avaliemos a nós mesmos do ponto de vista dos outros, através do outro procuramos compreender e levar em conta os momentos transgredientes à nossa própria consciência” (Bakhtin 2011 [1979]: 13). Isso porque o interior não se basta a si mesmo; cada vivência interior está na fronteira, encontra-se com outra, e nesse encontro tenso está toda a sua essência (Bakhtin 2011 [1979]). Sendo assim, para viver, o sujeito precisa olhar para si mesmo com os olhos do outro, precisa se antepor axiologicamente a ele mesmo, não coincidir com a sua existência presente (Bakhtin 2011 [1979]).

O mesmo movimento se dá no processo autobiográfico, quando autor e personagem se fundem. Ao falar de si mesmo, esse autor precisa se distanciar da própria vida, tal qual faz Francis Salazar ao escrever o relato íntimo de suas vivências. Ela precisou tornar-se outra, distanciar-se de si mesma para, dessa forma, adquirir um acabamento identitário. Muito embora esse acabamento seja sempre provisório, não encontrando jamais uma completude definitiva, uma vez que o excedente de visão daquele que fala de si sempre encontrará uma lacuna que somente o olhar alheio poderia preencher.

Tendo exposto, pois, alguns conceitos teóricos que embasam este trabalho, apresentaremos, a seguir, a análise empreendida.

3. “Com o coração entre dois países”

Antes de migrar para o Brasil, Francis Salazar vivia com seus dois filhos na pequena cidade de Pariaguán, na Venezuela. Ao sentir os reflexos da crise que se instalava no país e na vida da própria

família, decidiu que, para poder sustentar seus familiares, seria necessário deixá-los e tentar uma nova vida, em um novo país.

Essa jornada de resistência, na condição de refugiada estrangeira, é permeada por um processo de reinvenção pessoal, quando Francis precisa deixar de lado os diplomas em Administração e Direito para prestar serviços de limpeza, no Brasil. Ajudada por um amigo, ela conseguiu passar pela fronteira brasileira e chegar a Boa Vista, em Roraima. Após três semanas na cidade, a Operação Acolhida a direcionou a São Paulo, onde ela começou uma nova vida. Lá, encontrou pessoas que a acolheram e a incentivaram a seguir em frente.

Tempos depois, Francis se uniu à equipe da ONG *Estou Refugiado*, prestando ajuda a outros, e passou a apresentar o programa de rádio *Vocês de Venezuela*, da instituição filantrópica *Missão Paz*, dirigido a seus conterrâneos que também vivem no Brasil. Em 2020, aos 41 anos, recebeu a proposta do jornal *Folha de S. Paulo* para escrever o diário aqui analisado, contando sua história de superação, como já foi dito.

Antes de narrar suas vivências, Francis se apresenta ao leitor. Logo na introdução do diário, mostra que, ao aceitar contar sua história e explicitá-la em uma mídia de grande circulação, visava a outro(s) sujeito(s) enunciatário(s), sobretudo outros migrantes que possam encontrar alento em suas palavras.

Meu nome é Francis Irina Salazar Arevalo, sou venezuelana, mãe, filha, profissional e sonhadora. Decidi escrever inspirada por algo que li: “Conta sem medo como você superou essa etapa, poderia ser um guia que alguém busca”⁷.

Na primeira parte do excerto, Francis apresenta uma lista de expressões nominais que apontam traços identitários, tais como: *venezuelana, mãe, filha, profissional e sonhadora*. Nesse trecho, a descrição *venezuelana* está em primeiro lugar, logo após seu nome, atribuindo, portanto, maior destaque à identidade nacional de Francis. E foi esse traço – *ser refugiada venezuelana no Brasil* – que a colocou nesta posição de contar sua história no interior do projeto discursivo da *Folha de S. Paulo*.

Embora a cultura nacional, como discurso e um modo de construir sentidos, influencie e organize as ações e a concepção que temos de nós mesmos (Hall 2006), a nacionalidade não define a totalidade identitária do sujeito, podendo este pode assumir diversos papéis sociais, a depender do contexto de interação em que está inserido.

Contudo, a forma desumanizada com que a mídia retratou os refugiados venezuelanos, quando da migração em massa em Roraima, criou em torno deles uma imagem negativa que acabou por gerar preconceito, xenofobia e intolerância. Tendo eles sido associados à violência e à criminalidade, a opinião pública passou a perceber essas pessoas como “uma massa de gente homogênea, com personalidades e propósitos iguais. Surge então o ente ‘venezuelanos’, que em seu significado não separa os indivíduos do sistema político” (Max 2018: 15).

A importância da publicação do relato pessoal de Francis se dá também na tentativa de desconstruir essa imagem negativa e estereotipada dos migrantes venezuelanos. No próximo excerto, a autora do diário segue se apresentando ao leitor:

7 Os dados serão transcritos tais como apresentados no diário, ou seja, sem correção de escrita.

[31 de agosto de 2020]

Hoje decidi responder a algumas de tantas inquietudes, mas desde meu ponto de vista, como eu me vejo. Sou uma mulher venezuelana, migrante, mãe solteira, cabeça da casa, com o coração entre dois países.

Nessa passagem, as expressões *desde meu ponto de vista* e *como eu me vejo* assinalam um excedente de visão de Francis sobre si mesma. A partir dessa reflexão, é explicitada a distância entre a autora-pessoa e a autora-criadora. No entanto, o *eu-para-mim* também é impregnado pelas vozes sociais que cercam a autora (seu discurso interior). Afinal, o sujeito, na perspectiva bakhtiniana, nunca age sozinho, nunca é totalmente autônomo.

No mesmo excerto, Francis se diz uma mulher *com o coração entre dois países*. Tal expressão revela a identificação da personagem com dois espaços geopolíticos, traço pertencente a indivíduos que se deslocam e precisam buscar pertencimento em uma nova cultura.

Para se adaptarem às mudanças envolvidas no processo de migração, enfrentar a barreira cultural e do idioma, os refugiados precisam encontrar meios de permanecerem resilientes. Especialmente para os que migram sem a família, caso de Francis, o desafio de se adaptarem sozinhos a um novo país é ainda maior. Um maior número de mulheres migrando sozinhas é uma das mudanças mais significativas dos últimos 50 anos, constituindo hoje quase metade da população migrante internacional; essas mulheres tendem a conseguir empregos com baixos salários em setores da economia segregados por gênero e não regulamentados, como o serviço doméstico, ficando expostas a exploração, violência e abuso (Roig 2018).

Quando Francis toma a decisão de deixar seu país sozinha, ela assume o papel de *cabeça da casa*, como foi enunciado no excerto anterior. Enuncia, na sequência, a identificação de mulher forte, altruísta e devotada como mãe e como filha, tomando para si a responsabilidade que acredita lhe caber, a partir de seu próprio senso moral e ético.

[1º de setembro de 2020]

Chegou o dia 28 de julho de 2018. Sei que não devo chorar na frente de ninguém. Devo seguir adiante com a alma e o coração partidos. Criar meus filhos, vê-los crescer, cuidar de meus pais como eles fizeram comigo é agora um sonho. Já não se trata do que quero, mas do que devo fazer. Seu bem-estar é minha responsabilidade, depende de mim.

Essa identificação se marca, sobretudo, pelas escolhas de recursos linguístico-discursivos mobilizados como a modalidade deontica (*devo seguir, devo fazer, é minha responsabilidade*). A enunciadora constrói a si mesma como objeto do discurso a partir do cenário da crise econômica na Venezuela. A reviravolta da narrativa acontece quando Francis decide deixar os familiares e partir para o Brasil, onde poderia obter melhor condição financeira. No entanto, ela sabia que, como estrangeira refugiada no Brasil, os títulos de advogada e administradora, conquistados na Venezuela não seriam de grande valia.

No tocante a esse tema, o excerto “*esquecer quem sou e me reinventar*” é muito significativo, uma vez que, do ponto de vista da eu-enunciadora, sua identidade profissional a define como sujeito e agora, na sua “nova” vida no Brasil, evidencia-se uma falta.

[31 de agosto de 2020]

Tenho ampla experiência profissional na Venezuela, mas isso de que me serve em outro país? Esquecer quem sou e me reinventar de novo foi o único que me ocorreu e que até agora tem funcionado.

Na sequência, Francis olha em retrospectiva para o tempo em que exercia outras profissões para as quais se graduou, ainda na Venezuela.

[13 de setembro de 2020]

Aos 30 anos tinha um filho, trabalhava como assessora jurídica de uma construtora, gerente de uma lavanderia e administradora de uma emissora de rádio (...) Eu tinha conseguido comprar minha casa e meu carro, já estava me organizando para iniciar minha própria empresa como assessora jurídica. Já se passaram 11 anos disso tudo, parece que foi em outra vida, em outro mundo. Tudo mudou ao meu redor. (...) Tudo o que vivi me faz ser quem sou agora (...). Poder produzir para mim, para minha família e servir o Brasil de outra maneira é meu sonho. Por agora me limito a lavar pisos e esfregar pratos para levar o pão à mesa e pagar as contas.

Nesse excerto, vem à tona o olhar exotópico de Francis sobre si pela presença do marcador temporal já se passaram 11 anos, que produz discursivamente dois sujeitos, um do presente e outro de anos atrás. O enunciado *parece que foi em outra vida* e *tudo o que vivi me faz ser quem sou agora* também revela este lugar de excedente de visão, de onde a enunciativa se percebe na enunciação, marcando a distinção entre autora e personagem.

O excerto “*me limito a lavar pisos e esfregar pratos*” exprime sua posição emocional-volitiva em relação à atividade laboral que realiza nessa nova condição – a de refugiada em outro país. O verbo *limitar* acentua o sentido de perda da identidade profissional anterior e manifesta um *tom* de inferioridade dessas atividades em relação a suas qualificações e capacidades.

Segundo Cavalcanti (2015), os imigrantes, de modo geral, exercem atividades aquém das suas formações e experiências nos países de origem. Ou seja, há disparidades entre sua formação acadêmica, atuação profissional e renda. O autor salienta que, ainda que tecnicamente o imigrante tenha uma formação específica, socialmente será considerado um trabalhador sem qualificação, “pois ele somente existe aos olhos do estado nacional no dia que atravessa as suas fronteiras. Tudo o que antecede a essa existência é desconhecido, inclusive a sua formação técnica e os seus diplomas” (Cavalcanti 2015:39).

Diante disso, para que o migrante recupere a posição profissional que ocupava no país de origem, alguns fatores são determinantes, como a consolidação de uma rede social, a regularização das autorizações de residência e, especialmente, as políticas públicas de inserção laboral dos imigrantes (Cavalcanti 2015).

A reinserção social e laboral dos migrantes e refugiados é uma preocupação de organizações sociais como a *Missão Paz*, que acolheu Francis em sua chegada a São Paulo. Assim, os venezuelanos que foram acolhidos na *Missão Paz* não só receberam um teto e alimentação, mas também aulas de língua portuguesa, palestras interculturais, assessoria em documentação, apoio jurídico, atendimento médico, psicológico, encaminhamento para cursos profissionalizantes, inserção laboral e monitoramento da situação após contratação (Pereira; Carvalho; Parise 2018).

Sobre sua trajetória já como refugiada, quando atendida pela *Missão Paz* e pela ONG *Estou Refugiado*, Francis diz:

[5 de setembro de 2020]

Minha primeira oportunidade de trabalho em São Paulo foi graças à ONG Estou Refugiado, aos quais chamo de meus anjos no Brasil. São uma equipe de ouro, estudam cada caso, o tornam único

e se preocupam em encontrar emprego adequado para cada pessoa. Você tem que ser feliz com o que faz ou nunca o fará bem. Essas palavras escutei nos workshops deles e ficaram no meu coração.

[2 de setembro de 2020]

Meu primeiro abrigo, Missão Paz, uma casa de acolhida que com o tempo se tornou algo mais que um abrigo, é um espaço que sinto como meu lar, onde cada parede conta uma história, onde ouvir tantas vozes em diferentes idiomas virou música para meus ouvidos e paz para minha alma, porque sou um deles.

No tocante à relação com a ONG *Estou Refugiado*, Francis marca uma valoração positiva e afetuosa por meio de expressões qualificativas, como: *equipe de ouro*; *anjos* e *as palavras escutadas fiaram no coração*. Essa posição axiológica é da ordem do afeto e salienta o apoio recebido ao chegar no Brasil na condição de refugiada, marcando assim a relevância do trabalho de acolhimento das pessoas em situação de refúgio e migração. A expressão *sou um deles*, no excerto de 2 de setembro, evidencia o sentimento de pertencimento de Francis pelo fato de estar em meio a indivíduos que, assim como ela, deixaram seu lar por motivos alheios a sua vontade para recomeçar a vida no Brasil e que compartilham com ela histórias de deslocamento e tradução cultural.

Ao conviver com outros refugiados no abrigo, Francis passa por um processo alteritário no qual se reconhece no outro e por meio do outro, tomando consciência de si como refugiada por meio desses sujeitos. Além disso, o auxílio para conseguir emprego e os *workshops* ofertados pela *Estou Refugiado* foram determinantes no momento de sua chegada em São Paulo.

Na sequência, ela conta sobre outras relações sociais com pessoas que trabalhavam na *Missão Paz* apoiando sua adaptação e incentivando seu desenvolvimento pessoal.

[2 de setembro de 2020]

O alimento que eu realmente precisava veio da mão do padre Paolo Parise, que, com palavras de incentivo e esperança, fortaleceu meu espírito. Por outro lado, Francisco, o cuidador mais antigo da Missão Paz, com seus jogos e piadas, conseguia que eu sorrisse, e com um abraço me dizia: tranquila, moça, você vai ficar bem. E isso me alegrava a alma. Enquanto isso, Marzia, amada por uns e odiada por outros, mas respeitada por todos, como uma mãe protetora, me obrigava a seguir sempre em frente, a me valer de mim mesma, porque acreditou em mim quando nem eu mesma conseguia.

Verifica-se o excedente de visão desses sujeitos com quem Francis interagiu e que lhe deram um acabamento momentâneo. Essas relações materializam o princípio da alteridade, uma vez que o sujeito passa pela consciência do outro para se constituir (Faraco 2012). Nesse sentido, as palavras de incentivo e manifestações de afeto das pessoas que atuavam no acolhimento de refugiados fortaleceram Francis. Foram decisivos na construção dessa nova etapa de sua vida e, conseqüentemente, de sua “nova” identidade – a de *refugiada venezuelana no Brasil*. O fragmento “*obrigava a seguir sempre em frente, a me valer de mim mesma, porque acreditou em mim quando nem eu mesma conseguia*” evidencia resiliência e força, traços atribuídos a sujeitos refugiados e migrantes de modo geral, que necessitam reconstruir suas vidas em condições materiais e socioafetivas bastante adversas.

A importância que Francis atribui a essas instituições, bem como às pessoas que nelas atuam, promove reflexões sobre a função social de locais de acolhida, como os abrigos para refugiados,

como um lugar de apoio e esperança para pessoas desamparadas, recém-chegadas a um novo país. Essas relações de alteridade, marcadas pelo afeto e empatia, mostram-se fundamentais no processo de ressignificação dos sujeitos refugiados, como é explicitado a seguir, pelo deslocamento de *frágeis e tristes para fortalecidos e com esperança*.

[2 de setembro de 2020]

Este é o pátio da Missão Paz, aonde tantos chegamos frágeis e tristes e saímos fortalecidos e com esperança.

Tal movência entre os momentos de chegada e de saída do abrigo traz à tona dois sujeitos, dois objetos discursivos distintos: um inscrito no presente, aquele já fortalecido, e outro inscrito no pretérito, ainda frágil. Esse novo sujeito, agora emocionalmente mais forte, é capaz de refletir sobre o significado de ser um migrante, dois anos após sua chegada em São Paulo:

[2 de setembro de 2020]

Esta imagem é uma das paredes da Missão Paz e é a que eu sinto que mais nos representa como migrantes. Caminhamos para a frente, não olhamos para trás, levamos pouco conosco e nossas raízes seguem com a gente para onde quer que formos.

Podemos dizer que pessoas que se deslocam de seu lugar de origem carregam consigo suas tradições, mas não *olham para trás* e seguem se adaptando às novas condições de existência, de certa forma rompendo com o passado, mas não abandonando completamente suas antigas identidades.

Esse movimento resulta na formação de um hibridismo identitário, como uma articulação entre o global e local. Essas identidades desunificadas pertencem a indivíduos que retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas que “são obrigados a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades” (Hall 2006: 88).

Nesse sentido, Francis relata um costume, uma certa marca da identidade da mulher venezuelana, como se observa a seguir:

[26 de setembro]

Em nossa cultura as mulheres somos ensinadas que devemos estar apresentáveis as 24 horas do dia os 365 dias do ano. Aprendemos de maquiagem e a caminhar com sapatos de salto alto desde muito jovens. Esse último marca um diferencial inclusive ao caminhar.

Neste fim de semana veio à minha casa a filha de uma amiga. A menina tem dez anos, nasceu na Venezuela e nossa cultura está nela. Enquanto conversávamos, me disse que quer ser modelo quando for maior. Ensinei-a a caminhar com sapatos altos, como fizeram comigo quando eu tinha a idade dela. Na hora foi divertido. Quando ela foi embora, senti muita nostalgia. Queria poder ensinar essas coisas à minha filha, passar esses detalhes de nossa cultura. São momentos únicos que nos definem. Agora sinto que não sou parte de suas vidas. Espero ter a oportunidade de tê-los comigo de novo e me sentir completa outra vez. Brincando com vestidos e sapatos altos, parte de ser venezuelana.

No excerto a seguir, há outro exemplo de diferença cultural percebida por Francis, dessa vez entre a pequena cidade na Venezuela onde ela cresceu e uma metrópole multicultural como São Paulo, onde ela passou a viver.

[4 de setembro de 2020]

Venho de uma cidade pequena na Venezuela, Pariaguan, a terra sonhada, onde viveram famílias por gerações, os vizinhos se transformam em parentes e quase todos nós conhecemos ou temos um vínculo com outras pessoas. Ao conhecer alguém lá, a pergunta obrigatória é: de que família você é? Porque seu sobrenome te representa, as gerações que estiveram antes falam por você, quer queira, quer não. Em São Paulo tudo isso não existe. Esse vínculo não aparece em nenhuma parte. O único certo em São Paulo é que ninguém é 100% daqui.

Nessa grande cidade brasileira, a cultura local é formada pelo entrelaçamento de várias culturas, o que Hall (2006) chama de cultura híbrida. Para o autor (2006), no processo de globalização vivenciado na atualidade, as culturas globais estão sendo deslocadas e, conseqüentemente, colocadas acima do nível da cultura nacional que, por sua vez, começam a ser “apagadas”. Tal fato contribui para que ocorram, nesse contexto de hibridismo cultural, identificações globais que diminuem as barreiras culturais entre pessoas de diferentes origens e nacionalidades, a exemplo de Francis e de seu namorado brasileiro, sobre quem ela conta a seguir.

[10 de setembro de 2020]

Ele é de ascendência japonesa, nascido no Brasil e dança tango em uma academia. Eu, por outro lado, sou venezuelana. Minha avó materna é indígena, tudo isso deixa marcas nas nossas personalidades. Um amigo em comum, ao nos ver juntos, comentou: "Vocês são o exemplo perfeito do que é a globalização". E foi algo que me deixou pensativa.

Ao se mudar para São Paulo, Francis se deparou com uma cidade tipicamente pós-moderna, onde as relações humanas são mais fluidas. Desse modo, a falta de vínculos estreitos levou-a a cultivar vivências que lhe permitissem seguir convivendo com outros refugiados venezuelanos, tanto na ONG, onde tornou-se voluntária, dando apoio a outros refugiados, como na *Missão Paz*, apresentando o programa de rádio direcionado a seus conterrâneos.

Ao realizar esses trabalhos, ela passa a pertencer a grupos com os quais já possuía vínculos, contudo, agora assumindo outro papel social: de alguém que foi ajudada a alguém que oferece ajuda.

[22 de setembro de 2020]

Ontem a ONG mandou para a minha casa um lote de cestas básicas e de roupas para que eu distribuísse entre os migrantes que conheço. Eu as entrego em minha casa. Me sinto útil com essas atividades, crio laços com a comunidade de migrantes, a casa se enche de sons conhecidos. É uma regra escutar música venezuelana na minha casa quando faço essas entregas. Consigo compartilhar o tempo e o que tenho com pessoas que entendem como eu me sinto. Estou convencida de que eles me ajudam mais a mim do que eu a eles.

Nos enunciados sobre outros refugiados em situação vulnerável, nota-se a importância que Francis atribui a essas relações de alteridade com indivíduos que compartilham com ela vivências seme-

lhantes e que a ajudam a manter suas raízes. O sentimento de pertencimento, ao receber essas pessoas em sua casa, está muito ligado à sua língua materna, o espanhol, escutado nas músicas e nas vozes de seus conterrâneos durante a entrega das cestas básicas. Isso porque o idioma é um forte traço identitário do sujeito, uma vez que “falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais” (Hall 2006: 40).

Isso ocorre porque, por meio da língua, construímos os sentidos de “nação”, o que faz da cultura nacional, segundo Hall (2006), um discurso, um modo de construir sentidos que influencia e organiza as ações e a concepção que temos de nós mesmos. A língua como fator de pertencimento é evidenciada nos trechos em que Francis deixa entrever uma fragilidade pouco mostrada ao longo do diário, imprimindo a vulnerabilidade inerente ao ser humano.

[21 de setembro de 2020]

Hoje, após uma longa jornada de trabalho e como ainda não habilitaram a cozinha, saímos para almoçar perto. Talvez tenha sido pelo cansaço, mas senti muito barulho na rua, de carros, música e de gente conversando em diferentes idiomas. Os que estavam na minha mesa falavam em árabe, o pessoal que nos atendeu falava português, e por alguns minutos não conseguia entender ninguém. Me senti isolada, sozinha entre tanta gente.

De volta ao restaurante, vi uma folha no chão e sua forma e sua cor me chamaram a atenção. Senti que estava como fora de lugar. Me detive e tirei uma foto, porque por estranho que pareça, hoje me sinto como ela.

Embora por vezes sentindo-se isolada, *fora do lugar*, Francis apoiou-se nas novas amizade que fez no Brasil. Na sequência, ela ressalta mais uma vez, a contribuição dos amigos em sua trajetória de resistência e superação. O suporte recebido dessas pessoas, sobretudo no momento difícil de isolamento social durante a pandemia, longe da família, a impulsionou a seguir forte e confiante.

[25 de setembro de 2020]

Aqui em São Paulo consegui ter um círculo de amizades que durante esta quarentena cresceu em seu apoio e palavras de ânimo. Juntos somos mais fortes. Definitivamente tenho um vínculo com esta cidade. É onde aprendi a amar o Brasil, onde tenho certa estabilidade e, apesar de em princípio sua grandeza ter me constrangido, me sinto cômoda aqui. Parte do meu coração é paulista.

Por meio do excedente de visão dos novos amigos, Francis pode tomar consciência de si mesma, uma vez que a relação exotópica entre os sujeitos permite sua completude naquilo que sua própria individualidade não seria capaz sozinha (Bakhtin 2011[1979]). Ao escrever o relato para a *Folha de S. Paulo*, ela teve a oportunidade de enxergar a si mesma de outra posição espaço-temporal, de modo a perceber que o *constrangimento* inicial com a cidade grande ficou para trás, que ela resistiu aos desafios e ressignificou a si mesma.

Em suma, o discurso autobiográfico aqui analisado evidenciou traços de identificação construídos ao longo do processo de migração e refúgio de Francis, desde a sua chegada no Brasil em 2018. Emergiram traços identitários como: mulher venezuelana; mãe; provedora; uma mulher que deixou seu país em meio a uma crise humanitária em busca de melhores condições de vida para si

e sua família. Nesse processo migratório forçado, houve perdas e acomodações de toda ordem na busca de pertencimento ao novo país – o Brasil. Uma perda relevante a ser destacada, nesta análise, foi a identidade profissional que Francis ocupava em seu país de origem e que, no país de refúgio, lhe foi subtraída. Disso resultou um sentimento de falta! A nosso ver, uma das faltas mais marcantes para o sujeito-migrante é o “sequestro” de sua identidade profissional pregressa. Isso porque, ao chegar ao país de acolhimento, é como se todas as competências e formações anteriores fossem completamente apagadas e não mais existissem. Ademais, nesse percurso doloroso que é migrar em situações de crise, Francis foi se constituindo como *refugiada venezuelana no Brasil*, seja por meio da nova atividade laboral desempenhada, pela ajuda humanitária recebida e prestada a outros venezuelanos; pelo contato com o idioma de acolhimento – o português – e com os costumes brasileiros, incorporando, assim, uma múltipla/provisória/inacabada identidade.

Considerações finais

A análise aqui apresentada aponta para os modos como uma refugiada venezuelana discursiviza a si mesma por meio da escrita de um diário publicado em uma empresa jornalística.

Em meio à trajetória de ressignificação identitária, o contexto sócio-histórico impulsionou a identificação de Francis com uma outra linguagem cultural que culminou na hibridização de diferentes identificações desse sujeito discursivo. Para compreender esse sujeito, buscou-se regularidades dessas identificações reveladas pela escrita autobiográfica e que compõem identificações desse sujeito, considerando-se o contexto extralinguístico da construção de seu discurso.

O caráter íntimo e confessional do diário revelou a preocupação da autora com a resposta ativa presumida do leitor, ao estabelecer uma relação de proximidade e confiança com ele. Isso ficou evidente pelas escolhas temáticas, estilísticas e composicionais do enunciado, por sua vez, determinadas pela relação emocional valorativa da autora com os objetos do seu discurso.

Nesse caso, de um diário escrito para outro leitor que não a própria escrevente, não se considera a veracidade dos fatos narrados, mas sim o posicionamento axiológico da autora diante de sua própria vida e de seu processo migratório. Tal postura valorativa foi possibilitada pelo processo dialógico em que se deram as vivências de Francis, na alteridade constituída em seu processo de pertencimento desde que chegou ao Brasil. Assim, as vozes que permeiam o discurso de Francis emergem de suas relações de alteridade com a família, o novo trabalho, os novos e antigos amigos, outros refugiados, as pessoas que a acolheram nos abrigos por onde passou.

Em síntese, por meio das relações de alteridade vivenciadas por Francis e que foram relatadas exotopicamente na escrita autobiográfica, foi possível observar os traços identitários de uma *venezuelana refugiada no Brasil* em seu processo migratório.

Referências bibliográficas

AMORIM, M. 2018. Cronotopo e exotopia. Em B. Brait (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*, pp.95-114. São Paulo: Contexto.

BAKHTIN, M. 2011 [1979]. *Estética da criação verbal*. 6ª edição. São Paulo: WMF Martins Fontes.

_____. 2017 [1920-1924]. *Para uma filosofia do ato responsável*. 3ª edição. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores.

BALASSIANO, A. L. G. 2014. Migrantes no liceu em tempos de guerra: modos de resistência aos (des)lugares. Em E. C. Souza; A. L. G. Balassiano; A. Oliveira (Orgs.). *Escrita de si, resistência e empoderamento*, pp.67-82. Curitiba: CRV.

CAVALCANTI, L. 2015. [Disponível na Internet em <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/relat%C3%B3rios-a>]. Imigração e mercado de trabalho no Brasil: características e tendências. Em L. Cavalcanti; A. T. Oliveira; T. Tonhati (Orgs.). A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro. *Cadernos OBMigra*: 35-47 [Consulta: 10 de abril de 2023].

FARACO, C. A. 2009. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial.

_____. Autor e Autoria. 2012. Em B. Brait (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*, pp.37-60. São Paulo: Contexto.

HAIDER, A. 2019. *Armadilha da identidade: raça e classe nos dias de hoje*. São Paulo: Veneta.

HALL, S. 2006. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A.

LEJEUNE, P. 2014. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: UFMG.

MAX, C. 2018. La Jornada: a resiliência do povo venezuelano em busca de refúgio no Brasil. Em R. Baeninger; J. C. Silva (Coords.). *Migrações Venezuelanas*, pp.13-15. Campinas: Núcleo de Estudos de População Elza Berquó (Nepo) / Unicamp.

NORONHA, C. L. A. 2022. [Disponível na Internet em <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/relat%C3%B3rios-a>]. Pobreza e vulnerabilidade social entre os imigrantes internacionais registrados no CadÚnico. Em L. Cavalcanti; A. T. Oliveira; B. G. Silva (Orgs.). *Relatório Anual OBMigra 2022*: 69-91 [Consulta: 15 de abril de 2023].

PEREIRA, J. C. CARVALHO, L. PARISE, P. 2018. Venezuelanos acolhidos na Missão Paz: do lugar para descanso à incidência política e inserção social. Em R. Baeninger; J. C. Silva (Coords.). *Migrações Venezuelanas*, pp.293-303. Campinas: Núcleo de Estudos de População Elza Berquó (Nepo) / Unicamp.

PONZIO, A. 2017 [1920-1924]. Introdução. Em M. Bakhtin. *Para uma filosofia do ato responsável*, pp.9-38. 3ª edição. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores.

ROIG, J. N. 2018. Migrações internacionais e a garantia de direitos – um desafio no século XXI. Em R. Baeninger; J. C. Silva (Coords.). *Migrações Venezuelanas*, pp.27-30. Campinas: Núcleo de Estudos de População Elza Berquó (Nepo) / Unicamp.

SALAZAR, F. 2020. [Disponível na Internet em www1.folha.uol.com.br/amp/mundo/2020/12/diario-de-uma-refugiada-leia-o-caderno-traduzido-na-integra.shtml]. Diário de uma refugiada: leia o caderno traduzido na íntegra. *Folha de S. Paulo*. [Consulta: 12 de janeiro de 2023].

SILVA, G. J. 2022. [Disponível na Internet em <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/relat%C3%B3rios-a>]. Refúgio no Brasil: 25 anos da lei 9747/1997. Em L. Cavalcanti; A. T. Oliveira; B. G. Silva (Orgs.). *Relatório Anual OBMigra 2022*: 36-68 [Consulta: 10 de abril de 2023].

SOBRAL, A. 2009. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin*. Campinas: Mercado das Letras.

_____. 2012. Ato/atividade e evento. Em B. Brait (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*, pp.11-36. São Paulo: Contexto.

SOUZA, E. C. BALASSIANO, A. L. G. OLIVEIRA, A. (Orgs.). 2014. *Escrita de si, resistência e empoderamento*. 1ª edição. Curitiba: CRV.

VOLÓCHINOV, V. 2019 [1921-1930]. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. 1ª edição. São Paulo: Editora 34.

NÍVEA ROHLING é mestre e doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora Associada da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR/ Curitiba) e docente do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL). Membro da ALED e da Discourse.net.

Correo electrónico: nivea.rohling@gmail.com

FERNANDA ÁBILA é graduada em Comunicação Social pela Universidade Positivo. Especialista em Comunicação Audiovisual pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Correo electrónico: fer_abila@hotmail.com

MARIA DE LOURDES ROSSI REMENCHE é professora Associada da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR – Curitiba), com pós-doutorado em Ciências da Educação pela Universidade do Minho (UM/PT). Doutora em Linguística pela Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de São Paulo (USP), Mestre em Estudos de Linguagem (UEL) e Graduada em Letras Vernáculas e Anglo (UEL).

Correo electrónico: mlourdesrossi@gmail.com